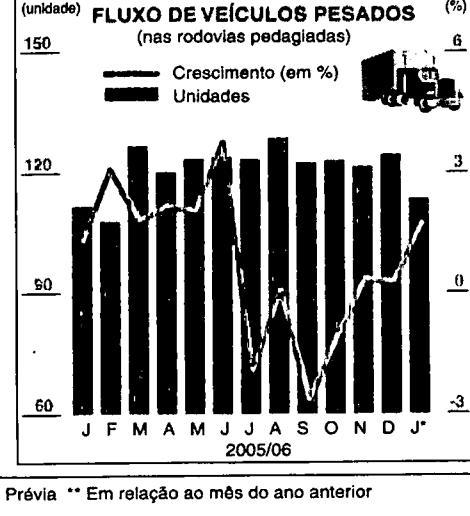
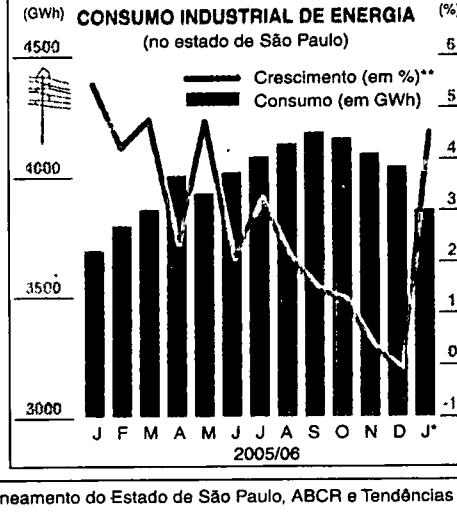
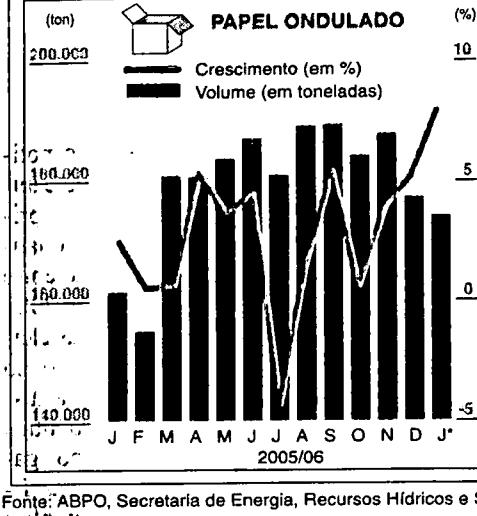


TERMÔMETROS DA ECONOMIA



Fonte: ABPO, Secretaria de Energia, Recursos Hídricos e Saneamento do Estado de São Paulo, ABCR e Tendências * Prévias ** Em relação ao mês do ano anterior

“Não há ainda sinal de arrancada”

85
Ano começa com
índicadores
positivos, mas ritmo
de recuperação é
considerado lento

LUCIANA COLLET E SANDRA NASCIMENTO

SÃO PAULO

A reação iniciada no final do ano passado se mantém neste início de 2006 mas, segundo representantes do setor produtivo e econômistas ouvidos por este jornal, ainda é um movimento “morno”. Um aquecimento mais efetivo, defendem, depende de medidas mais “ousadas” por parte do governo no que diz respeito às políticas de câmbio e juros. “Se não houver mudanças, o padrão vai continuar o mesmo”, diz o diretor-executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Júlio Gómez de Almeida. Há consenso que a expansão do Produto Interno Bruto (PIB) será maior neste ano; com estimativas girando em torno de 3,5%, ante aos 2,3% de 2005. O que, no entanto, ainda está muito aquém do desempenho dos países emergentes. (Ver matéria nesta página)

“Os poucos dados divulgados até agora sinalizam crescimento para o ano, mas não muito forte, não há ainda sinal de arrancada”, diz o economista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Estêvão Kopschitz. Segundo ele, até o segundo trimestre deste ano o PIB acumulado nos quatro trimestres anteriores deverá ficar em torno de 2%. “Só a partir do segundo semestre que os fúneros deverão ficar mais fortes”, diz. O Ipea espera um crescimento de 3,4% para a economia brasileira em 2006.

Para o economista, o principal fator de estímulo à atividade será a queda dos juros que, diz, deverá chegar ao final do ano um pouco abaixo de 15%. “Duvido um pouco do impacto do salário mínimo, porque não se cria riqueza de nada. Esse dinheiro vai ter de sair de algum lugar.”

O presidente da Associação Brasileira do Papelão Ondulado (ABPO), Paulo Sérgio Peres, lembra que há uma perspectiva de que as vendas no mercado interno sejam aceleradas com o aumento da renda do trabalhador, mas isso só deve acontecer no segundo trimestre. E revela estar preocupado com a valorização do real. “Com esse câmbio, resta saber se esse aumento da demanda será atendido por produtos nacionais ou importados, porque se forem importados não haverá qualquer impacto para nós”.

O ano, no entanto, começou bem para o setor de papel e papelão – a embalagem das embalagens e portanto, um indicador de antecedentes –, como reconhece Peres. “As vendas de janeiro ficaram um pouco acima das previsões do setor, quando comparadas ao mesmo período do ano passado”. Em janeiro as vendas somaram 174,2 mil toneladas e representaram crescimento de 7,9% em relação ao mesmo mês de 2005. “Mas ainda é cedo para dizer se há uma retomada do crescimento, até porque janeiro de 2005 foi um mês ruim”, diz ele, acrescentando que será preciso esperar os resultados do pri-

meiro trimestre. “Por hora estamos em compasso de espera.”

Para Sérgio Amoroso, presidente do Grupo Orsa, um dos principais fabricantes de papelão, o crescimento apresentado em janeiro não representa uma retomada. “O que vemos é um processo de estabilização, depois da desaceleração verificada no segundo semestre do ano passado”, diz, acrescentando que “o juro muito alto e o câmbio baixo matam a exportação”. Ele reconhece, porém, que há alguns indicadores positivos, como o aumento do salário mínimo, a redução da taxa de juros, a desoneração do investimento estrangeiro.

Roberto Jeha, presidente da São Roberto, outra empresa do setor, está mais otimista. “Fevereiro foi bem e esperamos que março seja ainda melhor, com o impacto das medidas tomadas na construção civil, a queda de juros, o aumento do salário mínimo”, diz. Segundo ele, a expectativa para fevereiro é de um crescimento de entre 1% e 2% frente o mesmo mês do ano passado e, para março, algo entre 2% e 3%. “E ainda haverá Copa do Mundo e a campanha eleitoral, que também deverão propiciar aceleração da produção”, diz, acrescentando que, “se o dólar subir, e com a queda de juros, o quadro pode melhorar mais”.

ALIMENTOS EM ALTA

Em 2005, segundo Jeha, o setor de melhor performance foi o de bens-duráveis, com o benefício do aumento de crédito, enquanto os bens não-duráveis, maiores consumidores de embalagens, não apresentaram grande resultado. “Mas para este ano, com o aumento do salário mínimo, da renda e do emprego deverá haver uma melhoria das vendas de não-duráveis.”

Ele afirma que, no mês passado, já houve um crescimento dos

pedidos por parte das empresas do setor alimentício, que confirmam a tendência. “Já observamos um aquecimento neste início do ano, de cerca de 7% nas vendas”, diz Roberto Altério, gerente da Bel Cook e da franquia ligada à empresa, Dom Sabor, de alimentos congelados. Ele credita esse aumento principalmente ao anúncio do novo salário mínimo, de R\$ 350. “O anúncio mexe com o otimismo do consumidor, que passa a gastar mais”, diz. A empresa projeta um crescimento de 20% na venda das lojas este ano e de 10% na produção.

“Ainda não temos consolidados os dados de janeiro, mas as primeiras informações apontam para um mês bom, com uma expectativa de que as vendas para o

“Fevereiro foi bem e esperamos que março seja melhor, com o impacto das medidas de estímulo tomadas pelo governo”, diz Jeha

mercado interno devem ser aceleradas ao longo do ano”, diz o diretor do Departamento de Economia da Associação Brasileira da Indústria de Alimentação (Abia), Denis Ribeiro.

“A expectativa para 2006 é de um ano muito melhor que 2005, que foi muito devagar, com o juro e o câmbio fora de esquadro, o que prejudicou o crescimento”.

Ele informa que, no ano passado, “o setor fechou o ano com crescimento de 3,6% na produção, mas como 25% disso vai para exportação, significa que o mercado interno cresceu apenas 2,4%, pouco se considerarmos que a população cresce a taxa de 1,9%”, diz, lembrando que o faturamento com o mercado exterior atingiu US\$ 20 bilhões, 18% acima do registrado em 2004.

“Este ano será diferente”, prevê. “Com a inflação sob controle, o juro deve continuar caindo e haverá estímulo à economia. Um problema pode ser o câmbio, mas até meados do ano esperamos que o dólar volte a subir. Seria necessário um câmbio a pelo menos R\$ 2,40 para alavancar as exportações”, diz. A Abia espera aumento de entre 4,5% e 5% na produção e de entre 4% e 4,5% no faturamento. Mesmo com o câmbio desfavorável, as exportações devem ainda ser o destaque, com projeção de alta de 20% em valor e 10% em tonelagem.

DURÁVEIS E NÃO-DURÁVEIS

Para o economista da LCA Consultores Braulio Borges o aumento do salário mínimo resultará em um ganho real do poder de compra de 13%, o que impactará positivamente o setor de não-duráveis e semi-duráveis. “Esse acréscimo de R\$ 50 no bolso do trabalhador deve ir para alimentos, bebidas, vestuário e calçados”, diz. “Para 2006, a expectativa é de que esses setores sejam dinamizados e o mercado interno compense uma eventual queda das exportações”.

No ano passado, segundo o Iedi, com base em dados do IBGE, o segmento de semi-duráveis recuou 1,5%, por conta do impacto negativo do dólar fraco.

Já o desempenho do setor de bens de capital ainda é considerado uma incógnita, já que depende do ânimo dos investidores. O presidente da Associação Brasileira de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), Newton de Mello, informa que o ano começou com queda de 12% nas vendas. Ele culpa sobretudo os juros altos. Dados da entidade revelam que não passou de 1% a produção de máquinas para metais, plásticos e têxteis. “Vamos nos tornar exportadores de juros.”

Colaborou Sabrina Lorenzi